



QUARTA E QUINTA



Natal por água abaixo

Garantia de gargalhadas, 'Bob Esponja: Em Busca da Calça Quadrada' é a nova aventura animada em 3D da turma da **Fenda do Biquíni**, que vai colocar Bob Esponja contra o **atrapalhado Holandês Voador**.

Nickelodeon leva o humor da série para os cinemas

Na nova aventura do herói submarino, a Nickelodeon e a Paramount apostam no humor sem noção que faz do personagem um fenômeno de audiência há quase 30 anos



Paramount Animation e Nickelodeon

POR PEDRO SOBREIRO

Esse Natal será mais do que especial para os fãs de Bob Esponja. Após três longas lançados entre cinemas e streaming, o herói submarino retorna às telonas no melhor filme da saga desde o original, que chega aos cinemas neste 25 de dezembro.

Dirigido por Derek Drymon, o longa aborda o otimismo contagiante do Bob Esponja, que acorda meio centímetro mais alto. Agora sendo oficialmente um “grandão”, Bob sente estar pronto para novas aventuras, como ir à montanha-russa dos grandões. O problema é que apesar de poder andar no brinquedo, ele fica tomado pelo medo.

Com isso, Bob Esponja é consolado pelo Senhor Sirigueijo, que acaba zombando da falta de coragem do rapaz. Então, para provar que é um aventureiro de verdade, o esponjoso herói segue o mapa das histórias de aventura do próprio Senhor Sirigueijo, que aprisionou o fantasma do Holandês Voador.

Porém, mal sabe o garoto que para se livrar da maldição e reconquistar sua liberdade, o Holandês Voador precisa sacrificar uma alma pura e de bom coração. Agora, Sirigueijo, Lula Molusco e o caracol Gary embarcam em uma corrida contra o tempo para impedir que Bob Esponja e Patrick completem o desafio do Holandês e sejam aprisionados no lugar do pirata lendário.

Aprendiz de Hillenburg

O longa é uma aventura marcada pelo famoso humor sem noção das primeiras temporadas, com direito àqueles quadros esca-



Paramount Animation e Nickelodeon



Paramount Animation e Nickelodeon

tológicos que arrancam risadas de todas as idades.

Isso se deve muito ao trabalho de Derek Drymon. O diretor foi fundamental no desenvolvimento das primeiras três temporadas da série animada original, onde trabalhou como diretor criativo, roteirista, diretor de dublagem e produtor. Ele contava com a total confiança de Stephen Hillenburg, criador da série, com quem trabalhou diretamente nessas primeiras temporadas.

Além disso, ele se consagrou como roteirista e produtor executivo do célebre “Bob Esponja: O Filme” (2004). E isso pode ser observado em algumas sequências que remontam ao filme.

Junto a ele, o time de roteiristas composto por Pam Brady, que escreveu o filme de humor politicamente incorreto de “South Park”, e Matt Lieberman, de “Scooby! O Filme”. Ou seja, foi uma equipe escolhida a dedo para criar situações absurdas e aflorar um tipo de hu-

mor que dialoga com as crianças, mas também diverte e entretém os adultos.

É uma excelente pedida para os pais levarem a molecada e também darem umas gargalhadas.

Tartarugas Ninja

Antes do filme começar, os fãs do filme “Tartarugas Ninja: Caos Mutante”, fenômeno de público e crítica de 2023, vão poder revisitar esse universo em um curta-metragem simplesmente espetacular.

Patrick Estrela e Bob Esponja vão partir em uma aventura pelo mundo espiritual do fundo do mar

Nesta aventura, o Holandês Voador é interpretado por Mark Hamill, o eterno Luke Skywalker

A nova franquia das Tartarugas Ninja, iniciada em 2023, ganha um novo capítulo com os heróis enfrentando a Inteligência Artificial e a pirataria no curta especial natalino exibido antes do início do filme

Chamado de “Tartarugas Ninja - Perdidos em Nova Jérsei” (no original, o título é “Teenage Mutant Ninja Turtles: Chrome Alone 2 — Lost in New Jersey”, que faz piada com o título original de “Esqueceram de Mim”), o curta-metragem é ambientado no período de natal e mostra Rafael, Leonardo, Donatello e Michelangelo na busca por encontrar um presente ideal para o Mestre Splinter. Só que, durante a procura, os irmãos acabam esbarrando em um comercial de televisão de uma série de brinquedos de má qualidade inspirados neles.

Revoltadas, as Tartarugas partem em uma jornada para cancelarem os brinquedos ou conseguirem um percentual justo sobre o uso de suas imagens. No entanto, eles se deparam com um supervilão robótico que se fundiu a uma Inteligência Artificial e decidiu dedicar sua existência a copiar produções alheias por meio da I.A., acumulando fortunas com histórias roubadas e brinquedos ruins.

A produção usa essa trama para fazer uma crítica extremamente pertinente sobre o uso das IAs no cinema, de forma que até mesmo as crianças mais novinhas conseguem entender a problemática da inserção dessa tecnologia nas artes.

Para os fãs de cultura pop, a origem do vilão é uma piadoca espetacular de dois minutos repleta de referências e citações das grandes franquias de Hollywood.

Então, além de curtir essa aventura hilária do Bob Esponja, quem for assistir o filme nos cinemas ainda ganha como presente de natal esse curta sensacional das Tartarugas.



Jack Black brinca de cineasta, na selva, ao lado dos personagens de Selton Mello e Steven Zahn em 'Anaconda'

Jack Black dá o bote

Presente em 'Jumanji', 'Kung Fu Panda' e 'Super Mario Bros.', o astro de 'Minecraft', um dos fenômenos do ano, pode ampliar o êxito de 'Anaconda', ao lado de Selton Mello

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tá em oferta, por apenas R\$ 9,90, o aluguel de "Querido Papai Noel" ("Dear Santa", 2024) na Prime Video da Amazon, numa pechincha rara para o filme natalino mais corajoso da década, que só pecou por não ter entrado em circuito exibidor, apostando diretamente no streaming. O percado é mortal quando se percebe que seu Bom Velhinho é Jack Black, mina de ouro viva, que, a partir deste 25 de dezembro, pode fazer de "Anaconda" um fenômeno de bilheteria. Um a mais em seu recorde recente.

Para o público brasileiro, o maior chamariz dessa reatualização de tom cômico do terror trash de 1997 (com Jennifer Lopez e Jon Voight) é a escalção do ator mineiro Selton Mello, que, nestas bandas, coleciona blockbusters, a se destacar "Ainda Estou Aqui" (com 5,8 milhões de ingressos vendidos... e um Oscar) e "O Auto da Compadecida 2", com 4,4 milhões de pagantes. Lá fora, entretanto, apesar da curiosidade por Selton e do forte apelo de Paul Rudd (o Homem-Formiga da



Jack Black é um diabo com roupas de São Nicolau em 'Querido Papai Noel' em aluguel na Prime Video

Marvel), Black é a maior diversão, e a mais rentável. "Venho de um mundo em pedaços, onde sou avesso a armas de fogo, rejeitando a violência. Eu prefiro armas laser", disse Black ao Correio da Manhã, quando despontou como a voz nos EUA de "Kung Fu Panda", uma franquia milionária.

Este ano, ele ajudou outra grife de êxito comercial invejável a nascer: "Um Filme Minecraft". O longa-metragem de Jared Hess, baseado no videogame homônimo, é, até o momento, a quarta maior

receita cinematográfica de 2025, com um faturamento estimado em US\$ 958 milhões. Seu maior apelo é a conexão o joguinho eletrônico que alfabetizou gerações de crianças nos últimos 14 anos, mas a figura de Black, em estado de graça, ajuda um bocado. Seu dublador, Paulo Vignolo, amplia sua graça.

Ciente de que anda impossível salvar filmes de super-heróis baseados em HQs da falência anunciada, vide o desastre comercial do último "Capitão América" e do "Quarteto Fantástico", a Meca americana do

“Venho de um mundo em pedaços, onde sou avesso a armas de fogo, rejeitando a violência. Eu prefiro armas laser” **JACK BLACK**



Jack Black faz de 'Um Filme Minecraft' um ímã de plateias

cinemão tem constatado que os games podem ser a maior (e mais rentável) diversão. "Super Mario Bros." (2023) faturou US\$ 1,3 bilhão quando se esperava bem menos dele, e Black está lá, como o vilão, Bowser. Não por acaso, sua sequência, "Super Mario Galaxy", estreia em 3 de abril, com fome de bilhões.

Com uma parte II já encomendada, para 2027, "A Minecraft Movie" veio para ficar. Custou alto (US\$ 150 milhões), mas já faturou alto também... beeeem alto. Sua base é a dramaturgia que nasceu

para ser jogada num projeto de 2011, bolado pelo Mojang Studios, que refaz a realidade a partir de uma geometria de cubo. Há nele algo do "Jumanji" (1995) original: um clima pueril de peripécias sem fim. Um tempero de bom humor em pitadas generosas amplia o paladar de uma narrativa de correrias, que tem a função de atrair plateias mirins, de dentes de leite, para descobrir o cinema e aprender a amá-lo. Vale lembrar que "Jumanji", em sua versão 2020, tem Black no elenco

A premissa de "Minecraft" é a do desajuste. Há um grupo de pessoas solitárias em cena: os irmãos Natalie e Henry (Emma Myers e Sebastian Hansen); a corretora e fã de animais Dawn (Danielle Brooks); e o ex-craque de videogames "The Garbage Man" Garrison (Jason Momoa). Por razões distintas, eles esbarram com uma mina que os transporta para o mundo mágico de Overworld, onde tudo é cúbico. Lá, encontram um humano perdido, Steve (Black), em busca de meios para voltar à Terra. Ele finge pactuar com as criaturas que dominam aquela realidade do avesso, mas acaba ajudando a turma recém-chegada a encontrar um veio de voltar, numa dinâmica de correrias com viradas sucessivas.

Corre-se um bocado também no supracitado "Querido Papai Noel", sob a direção de Peter Farrelly. Fazia tempo que o ator de "Escola do Rock" (2003) não atuava de forma tão hilária. Ele vive um diabo trapalhão. Quando um menino envia sua lista de desejos natalinos ao Bom Velhinho com um erro de grafia crucial, o tal demônio chega à Terra para causar estragos nas festas de fim de ano.

Se o papo é correria, Black protagoniza uma hilária em "Anaconda", com os restos mortais de um javali preso ao corpo. Dirigido pelo peruano Luis Llosa, o "Anaconda" dos anos 1990 custou US\$ 45 milhões e arrecadou US\$ 137 milhões, estabelecendo JLo como estrela das telas, para além de sua carreira como cantora. Ela integrava um grupo de expedicionários em busca de tesouros da fauna brasileira que eram atacados por uma serpente quilométrica... e cheia de fome.

Na releitura de 2025, dirigida por Tom Gormican, Doug (Black) e Griff (Rudd) são amigos desde crianças e sempre sonharam em refazer o filme favorito deles: o "clássico" cinematográfico de Llosa. Quando uma crise de meia-idade baixa no ar, eles decidem tentar e seguem para os confins da Amazônia para começar as filmagens. O personagem de Selton, Santiago Braga, manja de répteis e vai ajuda-los. Mas o bote que eles esperavam dar na própria sorte vai pro brejo depois que uma anaconda GG de verdade aparece, transformando o set caótico e cômico em um convite à morte.

Depois do Natal, com seu lançamento de gala, Hollywood vai saber o quanto Black amplia as receitas de um bom caça-níqueis.

Divulgação



Kal-El protege a Terra das
maquinações de Lex Luthor
em longa que a ACCRJ
colocou em seu pódio de
dez mais de 2025

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao votar os melhores filmes de 2025, no sábado passado, a Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ), uma das mais antigas entidades do jornalismo cultural brasileiro, ativa desde 1984, cravou “O Agente Secreto” em primeiro lugar, mas cometeu uma “ousadia” nerd e pôs o “Superman”, de James Gunn em seu panteão. No passado, produções como “Logan”, de James Mangold (de 2017) e o “Batman”, de Matt Reeves, de 2022, passaram pelo crivo da entidade. Porém, a escolha de 2025 é um pleito em prol de Gunn, por seu reconhecimento como diretor autor. Ao mesmo tempo, essa escolha coincide com a reinvenção do Homem de Aço nas HQs.

Quem estiver atrás de um presente para fãs de quadrinhos, neste Natal, pode surfar na decisão de Panini Comics de encadernar “As Quatro Estações”, de Jeff Loeb e Tim Sale, numa edição de bolso, a R\$ 56,90, com o Último Filho de Krypton a repensar seu lugar na Terra. A editora ainda lançou, nesta época natalina, o obrigatório “Fantasmas”, no qual o cruzado de Metrópolis tem que se confrontar com horrores egressos de uma zona espectral onde terroristas com poderes sobre-humanos estão detidos. Todo esse material mexe com a imaginação de Gunn, que terá o alienígena Brainiac como o inimigo do próximo longa com Clark Kent, “Man of Tomorrow”. Tudo indica que o alemão Lars Eirdinger (“A Luz”) vá interpretar o vilão. Esse projeto está já em desenvolvimento para 2027. Antes, Gunn supervisiona “Supergirl”, de Craig Gillespie, com Milly Alock no papel princi-

Para o alto e avante

Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro elege ‘Superman’ para rol de 10 melhores filmes do ano, repaginando a relevância de James Gunn, em meio à renovação do herói

pal, a prima de Kent, Kara Zor-El. A Panini lançou faz pouco um álbum de luxo da heroína, com arte da brasileira Bilquis Evelyn.

Essa agitação de Gunn esbarra com uma nova leva de revistinhas ilustradas, paralelas à dramaturgia mensal dos vigilantes da DC, chamada “Absolute”, que redesenha a mitologia fundadora de seus best-sellers, como a Mulher-Maravilha, o Batman e o Superman. São tramas que se afinam com as pautas da contemporaneidade,

em busca de uma nova geração leitora.

Sob essa recauchutagem do mais popular dos super-heróis, a seleção da ACCRJ, ao acenar para a força criativa de Gunn, demonstra um olhar atento para as revoluções contraculturais da atualidade. Neste momento em que filmes com base em narrativas gráficas fracassam em circuito, celebrar Gunn é um gesto de coragem.

“O que usei em ‘Superman’ foi a reflexão sobre como um sujeito que é quase um deus se relaciona consigo mesmo em sua busca pela verdade”, disse Gunn em papo mediado pela jornalista Renata Boldrini, no qual a palavra “vulnerabilidade” vinha à tona várias vezes.

Ex-colaborador da fábrica de filmes e séries B Troma, o cineasta nascido em St. Louis, no Missouri, há 59 anos é quem escreve e dirige “Superman”, um poema que resgata os poderes analgésicos (e revolucionários) da fantasia. Ao assumir o posto, ele passou a carregar a responsabilidade de preservar o prazo de validade das narrativas audiovisuais estreladas por super-heróis no momento em que o filão se encontra em estado de alerta, contabilizando fracassos e rejeições. Sua iniciativa, hoje encontrável na HBO MAX, faturou bonito: custou US\$ e arrecadou US\$ 225 milhões, rendendo US\$ 616 milhões.

Kal-El, o último nobre remi-

Divulgação



Capa da edição 100 do Superman da Panini no Brasil Paz na Terra



Divulgação



Panini Comics

A artista gráfica Bilquis Evely reinventa a Supergirl num gibi indiacado ao prêmio Eisner que debate inadequação



Divulgação

Em 'Fantasma', o cruzado de Metrópolis tem que se confrontar com horrores egressos de uma zona espectral onde terroristas com poderes sobre-humanos estão detidos



Divulgação

Uma nova leva de revistinhas ilustradas, paralelas à dramaturgia mensal dos vigilantes da DC, chamada "Absolute", que redesenha a mitologia fundadora de seus best-sellers

“O que usei em ‘Superman’ foi a reflexão sobre como um sujeito que é quase um deus se relaciona consigo mesmo em sua busca pela verdade”

JAMES GUNN

niscente da aristocracia que regia o planeta Krypton, é o caminho que o realizador e produtor encontrou para rebobinar o cinema da DC Comics. De suas graphic novels, minisséries e revistas mensais, Hollywood extraiu cults como a “Trilogia Batman”, de Christopher Nolan; “Coringa”, ganhador do Leão de Ouro do Festival de Veneza de 2019; e “Constantine” (2005), com Keanu Reeves em luta com o Arcanjo Gabriel. O longa do Homem-Morcego com Michael Keaton, dirigido por Tim Burton em 1989, e sua sequência (“Batman, O Retorno”, de 1992), também merecem loas. Nada, contudo, chega a uma distância mínima de voo do Super-Homem com Christopher Reeve (1952-2004) lá de 1978 – que se perpetuou no imaginário cinéfilo. Nada até os latidos de Krypto.

David Corenswet, que mantém a linhagem kryptoniana viva (e adulta), na produção de US\$ 225 milhões de Gunn, na qual assume o papel de Kal-El (e de

seu alter ego, o repórter Clark Kent), é maroto o bastante para não copiar o jeitão apolíneo de Reeve. Aliás, a versão de Gunn é sobre o oposto de Apolo: seu Superman quebra o braço, sangra, toma tapa na cara, lida mal com os impasses do relacionamento (carnal) com Lois Lane (Rachel Brosnahan) e paga um preço por uma tomada de posição política ao intervir numa espécie de Faixa de Gaza fictícia. Fora isso, há um cachorro... que voa... que tem super mordida... e não sossega o rabinho, o já citado Krypto, baseado na mascote surgida no nº 210 do almanaque “Adventure Comics”, em março de 1955, e inspirado no pet de estimação de Gunn.

Tem Superamigos também, não aqueles que a gente via no desenho homônimo das manhãs da Globo nos anos 1980, com os Super-Gêmeos Zan e Jayna, o Chefe Apache e o Samurai, mas uma trupe porreta, formada pela guerreira alada Mulher-Gavião (Isabela Merced), o inventor ricoço Sr. In-

gindo os três volumes da franquia “Guardiões da Galáxia” (de 2014 a 2023) para a Marvel. O caminho que seguiu é distinto do épico com Reeve. Parece (até na confecção da direção de arte e no colorido de sua fotografia) com as artes gráficas, o que o aproxima de um almanaque de férias, tipo o extinto “SuperPowers”, da editora Abril.

O filme dos anos 1970 era quase fabular. Coroado com uma bilheteria de US\$ 300 milhões, “Superman, O Filme”, em 78, driblava a linha realista que vinha ditando as regras das cartilhas hollywoodianas desde a década de 1960. O escritor Mario Gianluigi Puzo (1920-1999), autor do romance “O Poderoso Chefão”, trabalhou no roteiro dessa famosa transposição do guardião de Metrópolis para as telas. De março de 1977 a novembro de 1978, o cineasta Richard Donner Schwartzberg (1930-2021) torrou um orçamento de US\$ 55 milhões para filmar e finalizar uma adaptação cinematográfica das HQs de Jerry Siegel (1914-1996) e Joe Shuster (1914-1992). Antes dele, Guy Hamilton e Steven Spielberg foram cotados para assumir a direção. Egresso do sucesso de “A Profecia” (1976), Donner rodou “Superman — O Filme” em locações em Nova York, no Arizona, em São Francisco e no Novo México, além de Alberta no Canadá. Usou ainda os estúdios Pinewood e Shepperton, na Inglaterra, para filmar algumas cenas do longa-metragem.

James Caan, Burt Reynolds, Kris Kristofferson e Nick Nolte foram cotados para viver Kal-El, sobrevivente de Krypton que reside na Terra sob a identidade de Clark Kent, um repórter. Após uma série de testes, o papel acabou com Reeve, cuja atuação (irretocável) só é ofuscada pela de Gene Hackman (1930-2025) como criminoso Lex Luthor. Na dublagem original, gravada pela Herbert Richers, André Filho emprestava a voz a Reeve. Darcy Pedrosa dublou Hackman.

Seu bom-mocismo, ainda estacionado em ditames morais dos anos 1930, e sua indestrutibilidade não mais encontram ressonância em um público hoje acostumado à malícia do Homem de Ferro de Robert Downey Jr. ou ao instinto assassino do Wolverine.

Nos EUA, seus quadrinhos caem nas vendas ano a ano. Vendem bem só quando um coadjuvante de luxo (em geral, o Batman) divide quadrinhos com ele, ou quando um quadrinista transgressor repagina seu perfil, como John Byrne na década de 1980 ou como Grant Morrison em “All-Star Superman”, de 2006. Não por acaso, Gunn abre espaço para ser incorreto, não descarta mortes e torce paradigmas éticos da DC, sabendo valorizar cada coadjuvante com o máximo de requinte, a se destacar o Jimmy Olsen interpretado por Skyler Gisondo.

Com toques pontuais de humor e muita adrenalina, Gunn encarou com coragem a segunda kryptonita na bota do herói, que é a maldição que cerca os intérpretes de Kal-El/Clark Kent, a começar pelo mais icônico deles, o já citado Reeve. Nenhum ator teve sua imagem tão atrelada à figura apolínea criada em 1938 por Jerome Jerry Siegel (1914-1996) e Joseph “Joe” Shuster (1914-1992) quanto ele. A assombração em seu caso foi uma via de mão dupla. Confinado a uma cadeira de rodas após uma lesão cervical em 1995, Reeve jamais estreou um longa de tanta popularidade e rentabilidade quanto o cult de Donner.

Antes, os atores Kirk Alyn (1910-1999) e George Reeves (1914-1959), que encarnaram o Super-Homem em séries dos anos 1940 e 50, também foram amaldiçoados: o primeiro perdeu a fama e isolou-se; o segundo foi encontrado baleado. Dean Cain, do seriado “Lois & Clark” (1993), também viu seu prestígio popular sumir. Em 2006, “Superman — O retorno” (2006) tentou fazer de Brandon Routh uma celebridade, mas ele caiu no ostracismo.

Henry Cavill, que interpretou o guardião de Metrópolis em “Homem de Aço” (2013), teve melhor sorte e alcançou firmes holofotes. Apesar disso, a nova versão do vigilante deixou-o de lado. David Corenswet assumiu a insígnia do S (que significa “esperança”) com garbo, trazendo algo vulnerável, e demasiadamente gente como a gente. Reeve teria orgulho. A ACCRJ aplaudiu o que viu, numa temporada na qual consagrou, além de “O Agente Secreto”, outra iguaria brasileira: “O Último Azul”. Esse river movie foi rodado na Amazônia pelo pernambucano Gabriel Mascaro, com foco na luta de uma septuagenária (Denise Weinberg) para fugir de um campo de concentração geriátrico. Coube a esse longa o Grande Prêmio do Júri da Berlinale, em fevereiro. O panteão da ACCRJ destacou ainda o ganhador do Oscar de Melhor Filme e Direção deste ano, “Anora”, que venceu a Palma de Ouro de Cannes de 2024. Seu leque de escolhidos reúne ainda produções pop de gêneros como terror de tons políticos (“A Hora do Mal” e “Pecadores”).

CORREIO CULTURAL



Divulgação
'O Agente Secreto' representa o Brasil no Oscar 2026

Jornal dos EUA rasga elogios a Wagner Moura

O The Washington Post fez uma longa entrevista com Wagner Moura, publicada nesta segunda-feira (22), na qual diz que o ator vem suscitando declarações apaixonadas e que seu filme, "O Agente Secreto", talvez seja o mais adorado do ano. "O Agente Secreto" é o filme brasileiro de maior bilheteria do ano e possivelmente o mais universalmente adorado de 2025", escreveu a jornalista Jada

Yuan, que encontrou com Moura em Nova York, numa das paradas da campanha de divulgação do longa de Kleber Mendonça Filho. "Ele entrega uma atuação poderosa num filme que tem se tornado relevante ao longo de um ano que viu milhares dos colegas latinos de Moura serem arrancados de cidades dos Estados Unidos pelo ICE (o Serviço de Imigração e Alfândega do país).

O ator do 'sotaque aveludado'

No texto, a jornalista fala sobre as chances de Moura numa corrida pelo Oscar de melhor ator que chama de a mais competitiva em anos. Ao comentar o assunto, o ator disse a Yuan que ser premiado por seu trabalho é algo "lindo, porque a extrema direita no Brasil foi muito eficaz, sob Bolsonaro, em transformar artistas em inimigos do povo". Yuan diz que chama a atenção em Moura a sua voz grave e o "sotaque aveludado". O Washington Post ainda procurou Mendonça Filho, que disse que o ator é um homem interessante e atraente.

Brasil no Platino

A Academia Brasileira de Cinema anunciou os projetos e profissionais escolhidos para concorrer aos Prêmios Platino de Cinema Ibero-Americano 2026 cuja cerimônia será realizada em 9 de maio. Foram inscritos 28 longas-metragens de ficção, sendo seis comédias, 10 longas e 27 séries.

Brasil no Platino II

Com um total de 35 categorias, destacam-se "O Filho de Mil Homens", de Daniel Rezende, com 11 indicações, e "O Agente Secreto", aclamado longa de Kleber Mendonça Filho, com oito nomeações. A escolha dos filmes brasileiros foi feita em votação direta entre os sócios da Academia.

Mudanças na RedeTV!

Marcelo de Carvalho, fundador da RedeTV!, vendeu sua parte da sociedade para Amilcare Dallevo Jr (foto), que passa a ser o único dono da emissora. Carvalho era sócio da RedeTV! desde 1999, após a compra da TV Manchete. Em nota, a emissora afirma que seguirá apostando em projetos inovadores da TV aberta e do ambiente digital.



Divulgação



Divulgação

Formado por artistas paraenses radicados em Paraty, o Mundiá Carimbó lança o primeiro álbum

Resistência cultural amazônica no embalo do carimbó

Grupo paraense lança o álbum 'Meu Bem de Belém' e reafirma as raízes do ritmo em ponte entre tradição e modernidade

AFFONSO NUNES

A década de existência da banda Mundiá Carimbó, completa em 2026 ganha registro fonográfico e cênico com o lançamento de "Meu bem de Belém", álbum já disponível nas plataformas digitais que também dá nome ao espetáculo musical do grupo. Criado por paraenses radicados na cidade histórica de Paraty (RJ), o coletivo apresenta um repertório autoral que bebe nas fontes das clássicas canções populares dos antigos mestres do carimbó e outros ritmos amazônicos como o retumbão, o xote bragantino e o lundu marajoara.

Manoel Cordeiro, multi-instrumentista e compositor nascido em Ponta de Pedras, no Marajó - considerado um dos mestres da guitarra e da música amazônica com cinquenta anos de carreira e participação em cerca de mil discos - chancela o trabalho do grupo assinando a produção musical do álbum. O trabalho parte do carimbó raiz e da guitarrada instrumental para estabelecer diálogos com ritmos afro-



Divulgação

“Existia uma sensação de que o Brasil não conhecia esse seu lado”

RODRIGO BRAGA

-caribenhos como zouk, cumbia e bolero, configurando uma legítima expressão da música popular brasileira com referência amazônica.

Manifestação cultural de origem afro-indígena reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN em 2014, o carimbó tem suas raízes fincadas no Pará desde o século 17, a partir

de danças e costumes indígenas. O nome deriva do tupi "korimbó", junção de "kori" (pau oco) e "m'bó" (furado), referência ao tambor que deu identidade sonora a essa tradição produzida predominantemente por comunidades ribeirinhas paraenses. Combinando elementos das culturas indígena, africana e portuguesa, o carimbó era originalmente uma dança cerimonial associada a rituais de bênçãos e agradecimento aos espíritos da natureza.

Formado por oito artistas, o Mundiá Carimbó traz a formação usual dos grupos musicais de Belém do Pará, com curimbó (tambor indígena), banjo (principal instrumento de corda do carimbó), maracas (chocalho indígena feito com cuia e sementes), guitarra elétrica e saxofone, entre outros instrumentos. Os integrantes se dividem entre Xan Lucato (congas e maracas), Cláudia Ribeiro (voz e triângulo mineiro), Rudrigo Sagar (voz e banjo), Fernando Paraense (curimbó, bongo e maracas), Joana Marinho (voz e maracas), Fernanda Echuya (curimbó, maracas e reco-reco), Javier Seco (sax e clarinete) e João Guaiamumm (voz e guitarra).

O álbum apresenta composições autorais amadurecidas ao longo da trajetória do grupo, que falam simbolicamente sobre a relação do homem com a encantaria amazônica e suas novas conexões. Entre as músicas figuram "Carimbó Ijexá", "Morena Amar" e "Afro Caribenho", de Fernando Paraense; "Banhar", "Sonhei com Mar" e "Meu Bem de Belém", de Rodrigo Braga; além de "Aconchinhar", parceria entre Rodrigo Braga e Fernando Paraense. "É muito importante celebrar esses mestres em vida, como Manoel Cordeiro, Ronaldo Silva, Alan Carvalho, André Nascimento, todos presentes no álbum", afirma o fundador Rudrigo Braga.

O Mundiá Carimbó foi criado sob o desejo de seus integrantes de revelar ao resto do país uma manifestação cultural restrita à Amazônia. "Existia uma sensação de que o Brasil não conhecia esse seu lado", comenta Rudrigo.



Revelações no pós-morte

Romance finalista do Prêmio Jabuti 2023 de Júlia Portes sobre três gerações de mulheres estreia como espetáculo teatral no Gláucio Gill

Três anos depois de lançar seu primeiro romance, a atriz e escritora Júlia Portes vê sua obra literária ganhar os palcos cariocas. “O Céu no Meio da Cara”, que a colocou entre os cinco finalistas do Prêmio Jabuti 2023 na categoria Escritor Estreante, ganha montagem teatral com direção de Caio Riscado. A temporada segue até 29 de dezembro, com apresentações de sábado a segunda-feira, sempre às 20h, no

Teatro Gláucio Gill.

A transposição do livro para a cena foi um trabalho coletivo. Júlia dividiu a dramaturgia com Denise Portes, sua mãe, e Dora de Assis, amiga de longa data. Uma parceria familiar e afetiva que ecoa o próprio tema da obra: as relações entre mulheres de diferentes gerações unidas por laços de sangue e pela experiência da maternidade.

A dramaturgia se desenvolve em torno de três mulheres – avó, mãe e neta – cujas histórias se en-

trelaçam diante da morte prematura de Marília, aos 53 anos. No palco, as atrizes Carmen Frenzel e Júlia Portes interpretam, respectivamente, Carmelita e Laura, avó e neta que se encontram no velório e embarcam numa jornada pela memória, pontuada por revelações, segredos e histórias que permaneceram guardadas por anos.

A peça explora um elemento dramaticamente potente: Laura é necromaquiadora, profissional responsável por preparar corpos

para velórios. Enquanto maquia o rosto da própria mãe morta diante da família, a jovem escuta a avó Carmelita rememorar pessoas e momentos decisivos de sua trajetória numa cidade do interior mineiro que serve de cenário para parte das histórias familiares. Passado e presente se encontram de forma orgânica, revelando camadas das relações entre essas três mulheres.

O tom da montagem oscila entre o humor ácido e a melancolia, alternando momentos divertidos e tristes sem cair no melodrama. Essa abordagem reflete a complexidade das relações familiares e da própria experiência do luto, que raramente se apresenta de forma linear ou previsível. A trilha sonora ao vivo, executada

A montagem de ‘O Céu no Meio da Cara’ explora a trajetória de três gerações de mulheres a partir de um velório

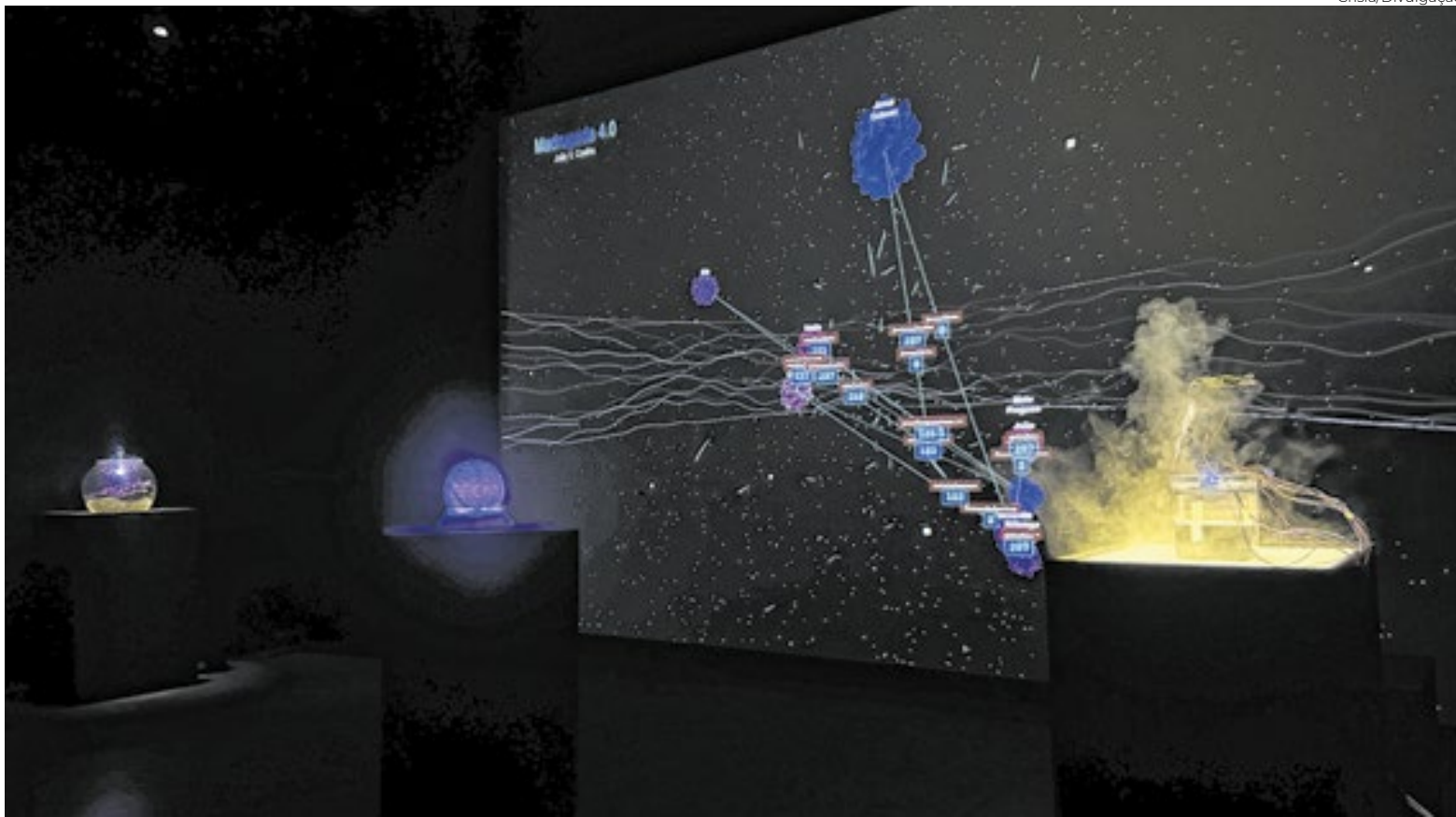
pelo músico Frederico Santiago – que também assina a direção musical e tem participação cênica no espetáculo –, contribui para a construção dessa atmosfera de múltiplas camadas emocionais.

Publicado pela NAU Editora em dezembro de 2022, o romance conquistou público e crítica desde seu lançamento. Com mais de mil exemplares vendidos, a obra teve trajetória expressiva para um livro de estreia: além da indicação ao Jabuti, inspirou uma audionovela, foi lida em diversos eventos literários e teve três lançamentos oficiais – no Rio de Janeiro, São Paulo e Berlim. Os direitos cinematográficos já foram adquiridos, sinalizando que a história dessas três mulheres continuará se desdobrando em outras linguagens artísticas.

SERVIÇO

O CÉU NO MEIO DA CARA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana)
Até 29/12, sábado a segunda-feira (20h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



Nozfera, de Crisia



Tudo é possível de ser transfigurado pela imaginação, de Jackson Cardoso Leite

Arte viva em tempo real

Exposição 'Microbiomas Poéticos' reúne sete obras que monitoram transformações orgânicas e digitais na Meta Gallery



Exercício para imaginar os tecidos invisíveis, de Javiera Asenjo



Goro — Série Natureza Cinética, de Jonas Esteves



Madrugada 4.0 — Ecosistema Imersivo, de João Vitor Coelho

Primera galeria brasileira dedicada exclusivamente à arte tecnológica, a Meta Gallery encerra 2025 já projetando o ano seguinte com a exposição coletiva "Microbiomas Poéticos", resultado da parceria com o Núcleo de Artes e Novos Organismos da Escola de Belas Artes da UFRJ, o Nano-UFRJ, sua principal colaboração criativa desde a inauguração em julho de 2024.

A mostra reúne sete obras que exploram a intersecção entre matéria orgânica e tecnologias digitais. Os trabalhos apresentados utilizam esculturas cinéticas, membranas

mecânicas, visualizações imersivas, dispositivos interativos e sistemas telemáticos que respondem ao ambiente e ao público por meio de resíduos, fibras, sensores, motores e sistemas computacionais.

O conceito unificador da exposição reside no monitoramento em tempo real de transformações sutis — químicas, biológicas, digitais ou estruturais — normalmente imperceptíveis à observação humana.

A proposta curatorial, assinada por Malu Fragoso e Guto Nóbrega, coordenadores do Nano-UFRJ, convida o visitante a refletir sobre

como elementos naturais e artificiais constituem ecossistemas híbridos que permeiam o cotidiano. "Microbiomas Poéticos" convida o visitante a observar transformações que normalmente passam despercebidas e a perceber como matéria, organismos e dispositivos digitais operam em conjunto no cotidiano", descreve Malu Fragoso que, além de curadora, apresenta "Compostagem #3", criada em parceria com Jonas Esteves.

Este objeto telemático de bioarte aplica eletrônica à matéria orgânica para monitorar um processo de decomposição cujos dados são enviados à nuvem. Esteves também traz o trabalho solo "Goro", híbrido de resíduos orgânicos, elementos eletrônicos e programação, e participa da estrutura computacional interativa "Nozfera", proposta pela artista Crisia, desenvolvendo o mecanismo de interatividade ao lado de Stella Feitosa, responsável pela impressão 3D, e João Vitor Coelho, autor do ecossistema imersivo.

Coelho comparece ainda com obra solo, "Madrugada 4.0", que capta e projeta em tela dados provenientes das demais obras, constituindo um hiperorganismo digital que responde à presença e ao gesto do público. Jackson Cardoso Leite apresenta a poesia digital "Tudo é possível de ser transfigurado pela imaginação", Javiera Muñoz traz "Exercício para imaginar os tecidos invisíveis", tecido equilibrado com pedras de quartzo, fibra de cânhamo e componentes eletrônicos, e Lena Becerra assina "Entramado cartilaginoso", objeto técnico em silicone que incorpora bomba peristáltica, motor e vidro.

SERVIÇO MICROBIOMAS POÉTICOS

Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40, Centro)
Até 13/3/2026, se segunda a sexta (10h às 18h)
Entrada franca